

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM – PPGE_{nf}

FABIO ALEM FILHO

**SOBREPOSIÇÃO DE TRANSFORMAÇÕES E DESAFIOS: EXPERIÊNCIA DE MÃES
DE ADOLESCENTES NA PANDEMIA DA COVID-19**

São Carlos/SP

2022

FABIO ALEM FILHO

**SOBREPOSIÇÃO DE TRANSFORMAÇÕES E DESAFIOS: EXPERIÊNCIA DE MÃES
DE ADOLESCENTES NA PANDEMIA DA COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de São Carlos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde.

Área de concentração: Processo de cuidar em saúde e enfermagem

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Monika Wernet

São Carlos/SP

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Fabio Alem Filho, realizada em 28/10/2022.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Monika Wernet (UFSCar)

Profa. Dra. Patrícia Luciana Moreira Dias (HAOC)

Profa. Dra. Aline Oliveira Silveira (UnB)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir a vida e ser meu suporte em todos os momentos.

A minha orientadora, Monika Wernet, agradeço a excelência com a qual exerce a docência. Obrigado por acreditar mesmo em meio as dificuldades.

Ao meu avô Juarez José Pires de Camargo (*in memoriam*) por me apresentar o verdadeiro significado da felicidade e do amor.

Aos meus pais, Fabio e Cristiane, por estarem ao meu lado em todos os momentos, sempre me apoiando e torcendo pelo meu sucesso. Perdão pela minha ausência, sei que foi profundamente sentida.

Aos meus irmãos, Thiago e Leticia, por dividirem a vida comigo. Vocês são responsáveis pela minha jornada ter se apresentado mais leve.

A minha avó Célia, exemplo de mulher guerreira e forte. Ter você ao meu lado é essencial para me fortalecer.

A minha filha Mariana, que me mostrou o real sentido da vida e da família. Você é a razão de tudo.

Ao meu melhor amigo Bruno, obrigado pela presença e pelo apoio contínuo.

À Maria Bonelli, que me deu suporte em todas as fases do trabalho e dividiu comigo seu conhecimento acerca do assunto.

Às famílias que aceitaram dividir comigo suas aflições frente ao cenário de incertezas vivenciado durante a pandemia da COVID-19.

RESUMO

No emaranhado de relações sociais as adolescências se processam e adolescentes emergem. A adolescência integra o ciclo vital individual e familiar, abarca os processos particulares de desenvolvimento na direção de assunções identitárias e projetos de vida, durante o qual se vivencia transformações em diversos níveis. A pandemia pela COVID-19 impôs mudanças nas dinâmicas sociais, entre as quais está a tendência de permanência de adolescentes em casa. Este estudo propôs a exploração da percepção de pais acerca do adolescer no contexto da pandemia. O objetivo proposto foi de elucidar significados e comportamentos de pais no suporte ao adolescer na pandemia da COVID-19. Trata-se de estudo qualitativo de abordagem descritiva e exploratória, apoiado nos referenciais do Interacionismo Simbólico e Análise de Conteúdo temática. Entrevistas semiestruturadas foram desenvolvidas junto a mães de adolescentes entre o 1º semestre de 2021 e 2º semestre de 2022, possibilitando e incentivando um espaço de fala para compartilhamento das percepções e aflições frente ao crescimento dos filhos em um cenário de incertezas. A partir das entrevistas, três categorias foram criadas: interação com o adolescente em transformação; relações frente à pandemia e seus desdobramentos; adaptações, revelações e preocupações advindas do convívio. Este estudo proporcionou um espaço de discussão em família que possibilitou reflexões sobre temas nem sempre abordados no convívio familiar e que podem trazer consequências positivas para a criação e o convívio com adolescentes. Acreditamos que essa pesquisa pode contribuir com o aprofundamento do conhecimento disponível acerca de famílias, adolescentes e pandemia, a fim de subsidiar os profissionais de saúde no cuidado e acompanhamento de famílias e adolescentes pois traz importantes discussões sobre o convívio familiar durante o processo de isolamento social e favorece a construção do conhecimento para dar suporte a esses indivíduos que, por muitas vezes, não são assistidos com qualidade por falta de entendimento e conhecimento por parte dos profissionais.

Palavras-chave: Adolescência. Família. Pandemia. COVID-19. Pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

In the tangle of social relations, adolescence is processed and adolescents emerge. Adolescence is part of the individual and family life cycle, encompasses particular development processes towards identity assumptions and life projects, during which transformations are experienced at different levels. The COVID-19 pandemic imposed changes in social dynamics, among which is the tendency for adolescents to STAY at home. This study proposed to explore the perception of parents about adolescence in the context of the pandemic. The proposed objective was to elucidate meanings and behaviors of parents in supporting adolescents in the COVID-19 pandemic. This is a qualitative study with a descriptive and exploratory approach, supported by Symbolic Interactionism and thematic Content Analysis. Semi-structured interviews were developed with mothers of adolescents between the 1st half of 2021 and the 2nd half of 2022, enabling and encouraging a space for speech to share perceptions and afflictions regarding the growth of children in a scenario of uncertainty. From the interviews, three categories were created: interaction with the adolescent in transformation; relations in the face of the pandemic and its consequences; adaptations, revelations and concerns arising from living together. This study provided a space for family discussion that enabled reflections on topics not always addressed in family life and that can have positive consequences for raising and living with adolescents. WE BELIEVE that this research can contribute to deepening the available knowledge about families, adolescents and the pandemic, in order to support health professionals in the care and monitoring of families and adolescents, as it brings important discussions about family life during the process of social isolation and favors the construction of knowledge to support these individuals who, many times, are not assisted with quality due to lack of understanding and knowledge on the part of professionals.

Keywords: Adolescence. Family. Pandemic. COVID-19. Qualitative research.

SUMÁRIO

1 DO INTERESSE PELO MESTRADO E TEMA.....	8
2 INTRODUÇÃO, JUSTIFICATIVA E OBJETIVO	10
3 MÉTODO	15
3.1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
3.2 REFERENCIAL METODOLÓGICO	17
3.3 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	18
3.4 LOCAL DE ESTUDO E PARTICIPANTES.....	18
3.5 COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	18
4 RESULTADOS	20
4.1 INTERAÇÃO COM O ADOLESCENTE EM TRANSFORMAÇÃO	20
4.2 RELAÇÕES FRENTE À PANDEMIA E SEUS DESDOBRAMENTOS	24
4.3 ADAPTAÇÕES, REVELAÇÕES E PREOCUPAÇÕES ADVINDAS DO CONVÍVIO	28
5 DISCUSSÃO.....	33
6 CONCLUSÃO.....	39

1 DO INTERESSE PELO MESTRADO E TEMA

Natural de Ibitinga, a famosa cidade do bordado, fui me aventurar na cidade grande após ter sido aprovado para cursar Bacharelado em Enfermagem na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP).

Jovem, ao longo dos meus cinco anos na USP, aprendi muitas coisas e convivi com diversas pessoas, e isso me encantou pois possibilitou que eu começasse a enxergar o mundo “fora da bolha” da minha cidade natal de aproximadamente 60 mil habitantes, “fora da bolha” da minha família. Tive a oportunidade de crescer e evoluir, pessoal e profissionalmente.

Todas as minhas atividades acadêmicas acabavam, por algum motivo, sendo direcionadas ao cuidado das famílias. Em meu último ano de graduação, quando tive a oportunidade de fazer meu estágio supervisionado em um Núcleo de Saúde da Família acompanhado pela Enfermeira Marcela, me encantei com a complexidade e potencialidade desse cuidado. Pareceu-me que finalmente me encontrei, descobri tantas formas de cuidar e reinventei o meu eu diversas vezes para conseguir atender as necessidades particulares de cada indivíduo e sua família que passavam por mim. Percebia o quanto a família, as relações em família precisavam ser tomadas em consideração para cuidar.

E eu não podia trilhar um caminho diferente em meu Mestrado na Universidade Federal de São Carlos. Desde o momento que pensei em me inscrever para o programa, eu tinha certeza de que precisaria focar no estudo famílias, afinal, para desenvolver um trabalho ao longo de dois anos é preciso que este faça sentido aos nossos propósitos. E cá estou podendo compartilhar minha paixão por esse tema da família, num momento particular do seu ciclo vital, o ‘com filhos adolescentes’.

Ainda, foi acrescido o cenário da pandemia da COVID-19. O presente estudo foi desenvolvido entre 2020 e 2022, anos da pandemia pela COVID-19, doença ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia em 11 de março de 2020 e, entre as medidas preventivas de sua contenção esteve o isolamento social seguido da vacinação contra a doença. Famílias estavam remetidas a manejar o suporte a vida do adolescente sob um ambiente modificado em termos de circulação e interação social, elementos quistos e buscados por adolescentes. A ciência e mídia social indagava-se acerca dos desdobramentos desta situação e eu, matriculado em um curso de mestrado, selecionei este recorte para estudo e aprofundamento.

Este estudo é de interface com o estudo de doutorado de Maria Aparecida Bonelli, o qual tem a experiência do adolescer na pandemia como objeto de pesquisa. Assim, em

parceria com ela e dois outros colegas que estudavam temas correlatos, tive a oportunidade de dialogar sobre adolescentes, adolescências e a experiência da família nesse contexto.

A pandemia da COVID-19 interpela e interpelou a mim, ao estudo e foi conformando possibilidades. Compartilho o produto alcançado, com votos de apresentar conhecimentos que contribuam com as práticas profissionais no suporte a famílias, adolescências e adolescentes.

Boa leitura.

Fabio Alem Filho

2 INTRODUÇÃO, JUSTIFICATIVA E OBJETIVO

O presente estudo foi desenvolvido entre 2020 e 2022, anos da pandemia pela COVID-19, doença ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2. A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a pandemia em 11 de março de 2020 e, entre as medidas preventivas de sua contenção esteve o isolamento social seguido da vacinação contra a doença.

Adolescentes não estiveram tomados como populações de risco para o desenvolvimento da doença, exceto quando do diagnóstico de asma (OLIVEIRA et al., 2020), mas tiveram suas adolescências interpeladas pela pandemia da COVID-19. Nessa direção, esteve apontado chances de experienciarem aumento do estresse, ansiedade e outras manifestações negativas vinculadas à saúde mental.

São considerados adolescentes pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) aqueles indivíduos entre doze e dezoito anos, e para a Organização Mundial de Saúde (OMS) aqueles entre dez e dezenove anos.

A adolescência integra o ciclo vital individual e familiar, abarca processos particulares de desenvolvimento na direção de assunções identitárias e projetos de vida, durante o qual se vivenciam transformações de distintas ordens (físicas, mentais, sexuais, emocionais, entre outras). Nesse contexto as relações sociais constituem-se no *lócus* em que expectativas sociais são depositadas e se entrelaçam com aquelas vislumbradas pelo próprio adolescente (DOURADO, ARAUJO e AGUIAR, 2019), pela família e as efetivamente vividas.

Assim, adolescências tem como um de seus determinantes o contexto sociocultural de sua ocorrência (BRASIL, 2017), portam historicidade e sociabilidade, desdobramento da socialização e das relações em que ocorrem (WISNIEWSKI, 2019). Ou seja, são afetadas e atravessadas pelo ambiente da vida, sobretudo o contexto familiar. Nas palavras desse último autor, “o adolescente enquanto ser que se desenvolve impulsionado por tais interações é autor e produto do próprio desenvolvimento” (WISNIEWSKI, 2019, p. 5). No emaranhado de relações sociais as adolescências se processam e adolescentes emergem.

Para Winnicott um dos paradoxos a serem vividos na adolescência diz respeito ao luto pelo fim do “eu infantil” e assunção/descoberta de uma “nova” identidade (WINNICOTT, 2011). O mesmo autor, sobretudo a partir do conceito de “*holding*”, assinala a relevância do amparo, do suporte acolhedor ao longo de toda a vida. Este conceito refere-se a cuidados que promovam acolhimento físico e psicológico.

No movimento de ir projetando sua identidade e vida, boa parte dos adolescentes buscam aproximação e interações com pares, com contextos outros que o da família e/ou

o proposto, promovido por ela. Porém, a família é um dos contextos de socialização para o adolescente (GONÇALVES e PEREIRA, 2011), costuma deter constância em sua vida. As interações vividas em família afetam o estabelecimento de conceitos, crenças, valores.

Por sua vez, Sarti (2004, p. 13) comenta que:

“cada família constrói sua própria história, ou seu próprio mito, entendido como uma formulação discursiva em que se expressam o significado e a explicação da realidade vivida, com base nos elementos objetiva e subjetivamente acessíveis a indivíduos na cultura em que vivem”

A família é uma ordem simbólica que vai sendo internalizada por seus membros, experienciada e usufruída em termos de condições para o desenvolvimento grupal e individual (SARTI, 2004). Essa autora traz a família como indivíduos unidos por significantes que criam elos de sentido para as relações, os quais mantêm as relações. A família é um universo de relações (SARTI, 2004) e,

[...] constitui-se pela construção de identidades que a demarcam, em constante confronto com a alteridade, cuja presença se fará sentir insistentemente, forçando a abertura, mesmo quando persistem as resistências. A família, então, constitui-se dialeticamente. Ela não é apenas o “nós” que a afirma como família, mas é também o “outro”, condição de existência do “nós”. Sem deixar entrar o mundo externo, sem espaço para a alteridade, a família confina-se em si mesma [...] (SARTI, 2004, p. 19).

Os tempos da adolescência constituem tempos de intensificação da introdução da alteridade no seio familiar, já que injetam outros referenciais que estão a acessar na construção de suas identidades (SARTI, 2004). A forma como a família dará abertura para estes “outros” repercutem às relações em família, com o jovem (SARTI, 2004) e/ou adolescente.

Ainda, as famílias têm expectativas relativas a estes jovens, pais projetam traçados para a vida deles, fazem transferências relativas a futuro, a vida adulta deles (SARTI, 2004). Tais projeções podem promover processos de oposição, de conflito. Trata-se da forma de buscar a assunção de “tornar-se sujeito, na família e no mundo social” (SARTI, 2004, p. 24). Assim, às famílias com filhos adolescentes está a tarefa de revisitar as formas de se relacionarem, as fronteiras da família, com vistas a considerar e dar suporte a progressiva independência e autonomia deste membro familiar no todo de sua dinâmica.

Cabe destaque de estar a convivência familiar, a dinâmica das relações, influenciada pela inserção cultural, social e histórica de cada família (DESSEN, 2010) e, que o encontro com outros modos sociais e culturais de viver em família pode provocar desconfortos e resistências. O adolescente tende a trazer o ‘diferente’ para ser pensado

em família, já que a convivência com pares e sua busca identitária o postam em lugar reflexivo acerca dos distintos valores e formas de pensar e viver, sempre fazendo o contraponto com a sua historicidade na família. Os relacionamentos com os pares são de relevância singular na adolescência, com contribuições à socialização e estruturação da independência.

Família é uma organização que apresenta diversas configurações e se modifica conforme o contexto histórico e cultural. Além de ser responsável por garantir a sobrevivência biológica dos membros, também cumpre a função de formação dos integrantes no nível biopsicossocial, promovendo estabilidade emocional e favorecendo o desenvolvimento cognitivo (OSORIO, 2002; ESTEVES et al., 2020). É o primeiro contato que o ser humano tem com o mundo exterior e abrange vários aspectos, dentre eles: estrutura familiar, crenças, valores e educação. Em resumo, envolve-se com o cuidar e satisfazer as necessidades básicas dos indivíduos que a constituem e do sistema como um todo.

Quando falamos de núcleo familiar podemos estabelecer quatro tipos de relações: a aliança, a filiação, a consanguinidade (OSORIO, 2002) e a convivência (MOREIRA, 2013). Essas relações possibilitam que o sujeito desenvolva sua identidade pessoal pois são a base para a criação de laços afetivos e promovem o estabelecimento de normas e valores importantes tanto para o convívio entre o núcleo familiar, quanto para o convívio social (OSORIO, 2002; VILLARROEL, 2015).

A família deve proporcionar estabilidade para que crianças e adolescentes em desenvolvimento tenham recursos para enfrentar as situações que poderão surgir ao longo da vida. O envolvimento deficiente dos responsáveis na criação das crianças e adolescentes, o pouco contato com os filhos e a presença de diversos conflitos na dinâmica familiar repercutirão no desenvolvimento desses indivíduos. As relações influenciam no estado emocional do adolescente, portanto, interações positivas podem trazer a sensação de segurança, enquanto as interações negativas trarão consequências emocionais, à saúde mental (ALM et al., 2021).

Vários são os tipos de família, dentre eles: famílias nucleares, que são compostas por dois adultos e seus descendentes (PONCIANO e CARNEIRO, 2003, apud SILVA, NAKAGAWA e SILVA, 2020); monoparentais, onde existe apenas um dos adultos responsáveis e seus descendentes (DIAS, 2015, apud SILVA, NAKAGAWA e SILVA, 2020); recompostas, quando passam a existir novos vínculos após separação (HIRONAKA, 2014, apud SILVA, NAKAGAWA e SILVA, 2020); plurais, organizada por parentes consanguíneos, também conhecida como adoção intrafamiliar (MAINETTI e

WANDERBROOKE, 2013, apud SILVA, NAKAGAWA e SILVA, 2020); adotivas (SOUZA e OLIVEIRA, 2013, apud SILVA, NAKAGAWA e SILVA, 2020); anaparentais, quando não há a figura paterna ou materna, irmãos ou primos são os cuidadores principais (HIRONAKA, 2014, apud SILVA, NAKAGAWA e SILVA, 2020); extensas, que são formadas por vários parentes e não somente pais e filhos (SOUZA e OLIVEIRA, 2013, apud SILVA, NAKAGAWA e SILVA, 2020); e próprias (SILVA, NAKAGAWA e SILVA, 2020). Independentemente de sua composição, são pessoas em interação ligadas por elementos que fazem se reconhecer como família, usualmente o sentimento de bem-querer. A família está reconhecida como uma entidade com permanência longitudinal na vida das pessoas, com chances de efetivar-se como apoio social (LIVESEY e ROSTAIN, 2017).

A família, sobretudo quando goza de saúde relacional, provê contexto relevante ao desenvolvimento infantil (SMITH et al., 2017), assim como para o adolescente (ALM et al., 2021). A saúde da família está relacionada a existência de união, propósito de vida e compartilhamento de experiências alinhadas a identidade familiar (SMITH et al., 2017). Essa última, descrita como um sentido compartilhado pela família, ao considerar valores, crenças, princípios e preferências (SMITH et al., 2017). Dispende tempo juntos, terem rotinas familiares diárias promove a saúde da família, a exemplo de comer juntos, idas a instituições religiosas, entre outras (SMITH et al., 2017). Os benefícios das rotinas são extensíveis às relações com os adolescentes e constituem-se em elementos promotores de sua saúde e bem-estar, de relações mais próximas entre eles e seus pais (ABAR et al., 2020). O envolvimento dos pais com a vida dos filhos é de relação direta com a autoestima, tanto para aqueles que vivem na pobreza, quanto para aqueles que não vivem (DOI et al., 2020).

No ano inicial da pandemia por COVID-19, as relações sociais ampliadas relevantes ao processamento das adolescências estiveram limitadas, com tendência a imputar maior tempo de relações em família (OLIVEIRA et al., 2020). A pandemia e o confinamento afetaram as relações em famílias e outras relações sociais, em especial aquelas providas diante da inserção no sistema educacional. Adolescentes requerem interações sociais para a continuidade de seu desenvolvimento, sobretudo as externas à família. Assim, podem viver consequências negativas diante deste impedimento ou distanciamento de inserções sociais mais plenas e densas, a exemplo de avaliar negativamente sua inserção no grupo e nas relações entre pares (IMRAN et al., 2020). Incluir os mesmos em atividades domésticas esteve indicado em revisão de escopo para ampliar seu senso de autoeficácia (OLIVEIRA et al., 2020). Ainda, esse estudo de revisão

assinalou que na vigência de interações familiares ancoradas em suporte emocional a tendência é de se promover e proteger a saúde mental de adolescentes (OLIVEIRA et al., 2020). Por outro lado, para adolescentes com diagnósticos psiquiátricos, o isolamento social exacerbou sintomas, com necessidade de cuidado especializado (PALACIO-ORTIZ, 2020).

De todo modo, a literatura científica está escassa na exploração das vivências dos adolescentes no contexto pandêmico da COVID-19 (OLIVEIRA et al., 2020) e, em maior intensidade ao se considerar as experiências de suas famílias. Como exposto acima, a família é contexto de vida e socialização do adolescente, tem potencialidade de promover seu desenvolvimento e processo identitário, mas também pode obstaculizá-lo a depender de como maneja as interações com os adolescentes e suas apresentações à família. Desse modo, este estudo toma como objeto as relações em família, com atenção para aquelas com adolescente, no contexto da pandemia por COVID-19.

Do total da população brasileira, cerca de 36% são adolescentes (BRASIL, 2017). O Estatuto da Criança e do Adolescente, principal documento relativo a direitos de crianças e adolescentes brasileiros, no artigo 2º traz: “Considera-se criança, para efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 1990). Já para a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS), a adolescência é entendida como o período entre dez e dezoito anos (OPAS, 2017). Para este estudo consideramos participantes em potencial famílias com adolescentes entre 12 e 15 anos. Com isso, tratamos de adolescentes no entendimento dos dois principais referenciais nacionais, assim como estamos olhando para anos mais centrais da adolescência, de modo que as famílias já portem experiências relativas ao período ao narrarem sua experiência.

As relações em família, pais e cuidadores junto ao adolescente ocupam lugar de destaque ao serem oportunidade para dar amparo e suporte no manejo das situações de estresse, como as vivenciadas na pandemia pela COVID-19 (POLANCZYK, SALUM e ROHDE, 2020). Porém, a convivência familiar esteve revelada como um desafio advindo com o isolamento social imposto pelas ações de contenção da pandemia pela COVID-19 (SANTI et al., 2022).

Assim, este estudo propôs um olhar para as relações em família, sob as perguntas: “Como se caracterizaram as relações em família com o adolescente em tempos de pandemia pela COVID-19 na ótica dos pais?”; “Como foram se configurando diante das demandas do adolescer?”. O objetivo foi de elucidar significados e comportamentos de pais no suporte ao adolescer na pandemia da COVID-19.

3 MÉTODO

O presente estudo é de natureza qualitativa de abordagem descritiva e exploratória. As pesquisas da vertente qualitativa têm sua centralidade em fenômenos sociais, nas relações sociais que os produzem, bem como valorizam as subjetividades, as perspectivas dos participantes (MINAYO, 2014).

A perspectiva dos pais acerca das relações em família com o adolescente foi intencionada pelo estudo, quando o interesse esteve na percepção deles acerca de transformações na dinâmica e relações familiares.

A pesquisa qualitativa está indicada para o estudo das relações, representações e/ou opiniões acerca de situações sociais concretas (MINAYO, 2014), caso deste estudo. O foco nas relações também sustenta a escolha do referencial teórico, o Interacionismo Simbólico.

3.1 REFERENCIAL TEÓRICO

O Interacionismo Simbólico (IS), tem sua origem na década de 20, na Escola de Chicago. Ele toma o processo interacional, como esse efetiva significações e delinea comportamentos. As significações são direcionadoras de ações humanas e o referencial coloca em foco os modos de pensamento dos atores sociais, suas formas de interpretar e agir no mundo (CHARON, 2010).

As premissas do IS são: (i) as interpretações e ações relacionados a objetos sociais são derivadas de significados atribuídos a eles; (ii) os significados são estabelecidos nas interações sociais e; (iii) os significados são transformados nas interações sociais (CHARON, 2010). Assim, as ações familiares em relação ao adolescente estão dependentes dos significados estabelecidos acerca de adolescentes, adolescências e suporte a elas. A forma como a família entende o adolescente e suas necessidades desenvolvimentais direciona ações tomadas junto a eles. E, o mesmo ocorre em relação à COVID-19 e as medidas de sua contenção. Prospecta-se que o isolamento social e sua relação com o desenvolvimento do adolescente também está entre os entendimentos que direcionam ações familiares, concepção de seu papel e suporte junto ao adolescente.

São conceitos centrais do IS, o símbolo, *self*, a mente, o assumir o papel do outro e a ação humana (CHARON, 2010).

A ação humana é atitude contextualizada, portadora de intencionalidade e estabelecida na interação social em função do significado aferido a objetos sociais.

O símbolo refere-se a todos objetos sociais (tudo com o que o indivíduo pode interagir) para os quais um significado específico foi aferido. Ele sempre porta, de forma implícita, valores da cultura da sociedade, historicidade da inserção social nela.

O símbolo permite que indivíduos se coloquem em interação, possam se comunicar e buscar compreender-se. Toda comunicação é simbólica e está articulada aos esforços dos indivíduos em colocar-se no lugar do outro e buscar entendimento. O símbolo atua nesta mediação, é usado para comunicar um objeto social (CHARON, 2010).

No processo de compreensão, ocorre a ação da mente, uma atividade internalizada que sustenta a interação simbólica de si para si como do outro para si, com vistas ao estabelecimento de ações, tomadas de decisões. Ela articula símbolos e *self* (CHARON, 2010). O indivíduo, a partir dos entendimentos que faz de determinada atitude, comportamento de outrem toma as suas próprias atitudes e comportamentos em relação a este outro.

O *self* entra no processo acima acionando e fazendo uso da mente para refletir acerca de si no contexto social, a partir de suas duas fases, a do “eu” e a do “mim”. A primeira é de caráter impulsivo e articulado aos entendimentos do indivíduo, contudo é posta em interação com o “mim”, o qual toma a perspectiva social nesta conversa internalizada. Assim, o “eu” é o propulsor da ação social e o “mim” direcionador dela. Portanto, o *self* está compreendido como um processo de considerar a si e seu efeito como objeto social para o outro (CHARON, 2010).

Os processos no *self* efetivam o assumir o papel do outro, conceito importante do IS, pois nele se congrega o esforço de entender como o outro irá pensar, sentir e por qual motivo que ele age de um certo modo, sendo essencial uma comunicação cooperativa, de ensinamento, simpatia, auxiliadora e que consiga enxergar os efeitos das ações do indivíduo (CHARON, 2010).

Nas palavras de Silva (2012, p.73):

Trata-se da dinâmica desenvolvida pelo ser humano em interação com as pessoas, onde ele é capaz de colocar-se como objeto, distanciar-se de seu “comportamento” e compreendê-lo do ponto de vista do outro. Assim, o indivíduo conduz suas atitudes de acordo com as expectativas dos grupos a que pertence. A partir desse princípio, controla esses comportamentos e assume papéis de outras pessoas. Para tanto, é indispensável possuir autocontrole e a autoconsciência.

Os conceitos acima surgem da interação social ao tomarmos os objetos sociais. Toda ação é social pois leva os outros em consideração, com as particularidades de seus modos de se expressar, comunicar. Ou seja, toma-se o outro como objeto social. A ação

humana está articulada a símbolos, processos junto ao *self* e assumir o papel do outro (CHARON, 2010).

Diante do exposto, este referencial, ao tomar a interação social em sua centralidade tem o potencial de revelar e discutir o objeto deste estudo, ou seja, as relações em família junto ao adolescente no contexto da pandemia por COVID-19.

3.2 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Como referencial metodológico utilizou-se a Análise de Conteúdo (AC) na modalidade temática, de propositura de Laurence Bardin (BARDIN, 2011). A AC é uma técnica de análise de comunicações utilizada na pesquisa qualitativa, sobretudo para materiais empíricos oriundos de entrevistas (SILVA e FOSSÁ, 2015), como é o caso do presente estudo.

Bardin (2011) propõe o uso de procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever o conteúdo da comunicação verbal ou não verbal, ou seja, busca entender o sentido das comunicações, o seu conteúdo e o seu significado explícito ou oculto. A exploração do material empírico é desenvolvida a partir de processos de codificação, estruturado na descoberta de núcleos de sentido que compõe a comunicação. Está organizada em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise direciona-se para a sistematização das ideias iniciais, sendo sustentada pela leitura geral e flutuante do material empírico (no caso a transcrição das entrevistas). Esta permite formulação inicial de uma percepção do conjunto, considerando componentes constitutivos do *corpus*.

Na exploração do material, novas leituras são desenvolvidas, já considerando as percepções analíticas da fase anterior, acrescido de um movimento de codificação, quando recortes dos textos representativos ao objeto em estudo são ‘destacados’, separados. Ao recortar, pensar a representação do recorte e agregá-los a partir de características de conteúdo está se processando a exploração do material e uma introdução ao processo de codificação para estabelecimento de categorias (BARDIN, 2016). As categorias vão se constituindo a partir de expressões ou palavras significativas tradutoras do conteúdo presente no material empírico. Nesta etapa almeja-se a aglutinação em função da ocorrência de temas a partir de um processo indutivo, quando se procura o sentido da fala e as significações intencionadas (SILVA e FOSSÁ, 2015).

Na fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação, efetivam-se a justaposição das categorias da etapa anterior considerando os conteúdos manifestos e

latentes (SILVA e FOSSÁ, 2015). Nesta etapa selecionam-se trechos de falas/excertos representativos que ilustram e sustentam os achados.

3.3 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Este estudo atende à Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016) está articulado a estudo maior de doutoramento de Maria Aparecida Bonelli, do qual o autor deste estudo é membro da equipe de pesquisa. O referido estudo foi analisado e aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa. O parecer favorável para a sua realização tem o nº 4.420.313 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 39524120.2.0000.5504.

Todos os participantes oficializaram sua concordância livre e esclarecida para o estudo via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e para preservar a identidade do participante, o excerto vem seguido da letra M, alusão a palavra “mãe”, seguido de número ordinal tradutor da ordem de entrada da família no estudo. Os pais, apesar do convite realizado, não participaram das discussões.

3.4 LOCAL DE ESTUDO E PARTICIPANTES

O estudo abarcou famílias da região centro-leste do estado de São Paulo. Adotou como critério de inclusão: pais que possuíam adolescentes entre 12 e 15 anos, residentes na região elencada ao estudo e que não tinham impossibilidade para se envolver com entrevistas.

A primeira família fez parte do estudo de doutorado em que este estudo faz parte e a partir dela a estratégia “bola de neve” foi iniciada, onde a família, após seu aceite e participação na entrevista, indicava outra família que pudesse ter interesse na participação. O contato deu-se através de um aplicativo de mensagem instantânea onde foi realizada uma breve explicação do estudo e o convite para participação, após o aceite ocorreu o agendamento da entrevista e a família recebeu o TCLE para leitura e assinatura.

3.5 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Para coleta de dados foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada, mediada por plataforma gratuita e de acesso a ambos, pesquisador e participantes. As entrevistas são consideradas diálogos de iniciativa de um entrevistador, com o intuito de obtenção de informações que se relacionam com o objeto/objetivo de pesquisa (MINAYO, 2014).

A entrevista semiestruturada contou com um roteiro pré-estabelecido de perguntas que direcionou a conversa e, que no caso deste estudo, são: “Como tem sido estar com (nome do adolescente) nestes tempos de pandemia? Como vocês tem apoiado ele? O que vocês percebem nas relações entre vocês e em família nestes tempos da pandemia da COVID-19?”.

As entrevistas foram realizadas no período entre março 2021 e setembro de 2022, em horários previamente agendados com as famílias. Elas foram gravadas em áudio com a autorização dos participantes, posteriormente transcritas em sua íntegra e submetidas ao método da análise de conteúdo, seguindo as fases elencadas por Bardin (2011), como exposto acima.

O 1º semestre de 2021, até a data de 30 de junho, contava com 18.557.141 casos confirmados de COVID-19 e 518.066 óbitos articulados a ela, detinha uso de máscaras obrigatório e o isolamento social apresentava-se rígido, com as escolas fechadas e trabalhos em regime *home office* em boa parte do país. A vacinação teve início nesse semestre, porém foram priorizados indivíduos considerados do grupo de risco e os profissionais da saúde. O cenário do 2º semestre de 2021, até a data de 31 de dezembro, apresentava-se com 22.287.125 casos confirmados e 619.056 óbitos. Com o avanço da vacinação, as escolas mantiveram suas atividades online e algumas empresas começaram a retornar os colaboradores ao modo presencial. O uso de máscara ainda estava obrigatório em qualquer ambiente. Entre o período de 01 de janeiro de 2022 a 30 de junho de 2022, o Brasil contava com 32.358.018 casos confirmados do novo coronavírus e 671.416 óbitos relacionado a doença. Com a distribuição em massa das vacinas e as campanhas incansáveis dos municípios, a cobertura vacinal avançou consideravelmente e possibilitou que todas as atividades pudessem ser retornadas presencialmente e o uso de máscaras passou a ser obrigatório apenas em ambientes de ensino e de saúde. Atualmente, no 2º semestre de 2022, há 91,5% da população brasileira vacinada com a primeira dose e 85,8% completamente vacinados, este cenário possibilitou a liberação do uso de máscaras e a normalidade nas atividades diárias, apenas nos ambientes de saúde o uso de máscaras mantém obrigatório devido ao alto risco de contaminação existente. Até 19 de outubro de 2022 o país contava com o acumulado de 34.771.320 casos confirmados com uma taxa de letalidade de 2,0% e 687.423, com mortalidade de 327,1 (mortalidade/100 mil habitantes) (BRASIL, 2022).

4 RESULTADOS

Foram entrevistadas 10 mães. Informações acerca dos responsáveis e das entrevistas estão disponibilizadas no quadro abaixo (Quadro 1).

Quadro 1 – Informações sobre os participantes do estudo

Mães	Profissão e idade dos responsáveis/pais que residiam com os adolescentes	Tipos de família	Idade dos Adolescentes (A)	Período de realização das entrevistas
M1	Mãe, 39 anos, professora Pai, 44 anos, político	Nuclear	A1, 13 anos A2, 12 anos	1º semestre de 2021
M2	Mãe, 42 anos, professora Pai, 42 anos, autônomo	Nuclear	A1, 13 anos	1º semestre de 2021
M3	Mãe, 48 anos, enfermeira Pai, 57 anos, autônomo	Nuclear	A1, 14 anos A2, 12 anos	1º semestre de 2021
M4	Mãe, 33 anos, enfermeira	Monoparental	A1, 13 anos	2º semestre de 2021
M5	Mãe, 37 anos, enfermeira	Monoparental	A1, 15 anos	2º semestre de 2021
M6	Mãe, 42 anos, advogada	Monoparental	A1, 15 anos	2º semestre de 2021
M7	Mãe, 49 anos, autônoma Pai, 51 anos, tabelião	Nuclear	A1, 15 anos A2, 12 anos	2º semestre de 2021
M8	Mãe, 40 anos, professora universitária Pai, 45 anos, empresário	Nuclear	A1, 12 anos	2º semestre de 2021
M9	Mãe, 40 anos, enfermeira Padrasto, 50 anos, empresário	Recomposta	A1, 13 anos	2º semestre de 2022
M10	Mãe, 32 anos, técnica de enfermagem	Monoparental	A1, 13 anos	2º semestre de 2022

As relações em família de interface com o adolescer e a pandemia pela COVID-19 determinaram aos pais interagirem com mudanças sobrepostas. As categorias temáticas “interação com o adolescente em transformação”, “relações frente a pandemia e seus desdobramentos” e “adaptações, revelações e preocupações advindas do convívio” abarcam significados e comportamentos no enfrentamento do adolescer no contexto da pandemia da COVID-19.

4.1 INTERAÇÃO COM O ADOLESCENTE EM TRANSFORMAÇÃO

Essa categoria assinala a percepção da família de estar a interagir com uma pessoa (adolescente) que, diante da adolescência, apresenta-se diferente do que era

usual (física e comportamentalmente), aspecto que lhe é desafiador, imputa lidar com o diferente.

“É bem complicado agora, né, porque tudo é muito diferente.” (M10)

Na busca de compreender esta “nova” apresentação do adolescente instaura-se um processo familiar de tomar em reflexão o que está a vivenciar, quando significa que a mudança hormonal é causadora do processo, assim como a busca da autonomia, da liberdade.

O adolescente esteve percebido pela família como uma pessoa enfrentando mudanças, tanto no âmbito físico, quanto comportamental. Associaram as modificações hormonais às comportamentais e, a respeito dessas últimas, destacaram presença de indecisão, irritação, intolerância e introspecção. Para algumas famílias a interação com este comportamento é desafiadora, mas compreendida como inerente a adolescência.

“[...] eles estão sofrendo essas mudanças da adolescência, mudanças físicas [...] a gente vê essa diferença dos 11 aos 14 anos [...] bem naquela fase criança, ainda tem rostinho de criança, e de repente começa a mudar, e vai crescendo e é voz, e tudo mais.” (M1)

“[...] meio que entrou num outro lugar, de assim, de irritabilidade, de não conseguir conversar, de responsabilidade [...] ficou muito irritada, essa coisa hormonal mesmo, assim, da puberdade, de não entender esses sentimentos e fases do mês que fica muito brava, e quer ficar muito sozinha [...]” (M2)

“[...] ele já está tendo uma modificação corporal. [...] percebo que fica fechado no seu cantinho, o que também eu entendo ser uma característica da adolescência” (M3)

“[...] porque eu falei para ela ‘filha, você está muito diferente de quando você saiu da escola pela última vez, você é uma adolescente, você muda toda hora’. [...] então realmente é difícil porque ela está com esse jeito mais fechado também. [...] essa adolescência é um pouco mais difícil do que eu esperava quando ela estava na minha barriga.” (M4)

“[...] assim, esse ano ele virou um homem, né, ele evoluiu muito fisicamente durante o ano, né, foi até um susto pra quem ficou muito tempo sem ver ele.” (M5)

“[...] então ele está com essa confusão ainda, sabe, ele está tendo essa eu quero ir, mas eu quero ficar, eu quero ir, mas eu quero voltar, então é uma coisa que eu estou percebendo muito forte nele. [...] É aquela mistura de sentimentos, só que ele não fala, ele não conversa” (M7)

“Eu não sei se é personalidade dele, mas está mais irritadinho com tudo [...]” (M8)

“O processo de adolescência dele tem sido estressante devido a mudança de comportamento tanto comigo, quanto com os irmãos.” (M9)

Neste contexto, destacaram perceber o adolescente com menor disposição ao comparar com tempos da infância, além das modificações de interesses, sobretudo em termos de restrições quanto a interações em família e ampliação da ocupação com a internet.

“[...] na adolescência eles já tem, né, essa mudança de comportamento, né, eu vejo que já começa a desanimar um pouco, olhar as coisas de outro modo, né, os interesses vão mudando. [...] que eu acho também que é típico do adolescente, né, porque antes eles acham graça de ir para casa da vó, né, depois cresce um pouquinho ‘Ah, na casa da vó não tem internet, não tem nada pra gente fazer’, né, como se a única coisa no mundo agora para se fazer fosse a internet, né.” (M1)

“Na escola eu acredito que ele conversa bastante, porque eu vejo isso pelo celular. Mas, com a gente não. Nem comigo, nem com os avós, nem com ninguém.” (M9)

A família significa os comportamentos de enfrentamento, contestação como parte do processo de desenvolvimento da autonomia, do encontro de si, da necessidade do adolescente reafirmar-se, inclusive junto da família.

“[...] mas a gente percebe, né, essa mudança, não sei se é o momento que eles querem conquistar o espaço deles, não sei se querem se afirmar como não mais criança, né [...] muitas vezes eles querem enfrentar a gente por algum motivo, mas talvez até por essa afirmação deles enquanto pessoa, vai mudando muita coisa, né, na vida deles.” (M1)

“[...] então ele está começando assim (a questionar os pais), mas ele respeita, ele nunca foi de enfrentar.” (M7)

A interação com os pares é apreciada como essencial, significada enquanto uma busca do adolescente e de contribuição para sua afirmação. A percepção é de existir influência mútua entre eles e, de ser a inserção em grupo vivida, por vezes, de modo impulsivo e pouco crítico. O território da escola e espaços interativos mediados pela internet são locais onde essa interação é intensa. Inclusive perceberam que a pandemia acentuou estas relações.

“[...] eu acho que esse momento é um momento, assim, que eles mais querem mesmo estar com os amigos, querem conversar, né [...] as minhas amigas estão curtindo ‘*Now United*’, então todo mundo ali tá curtindo ‘*Now United*’. Daqui a pouco as amigas vão estar curtindo outra coisa, então vai mudar.” (M1)

“[...] Agora elas inventaram outras interações aí com os jogos, né, e daí pode cada um jogar da sua casa e fazer uma chamada, aí as duas já descobriram esses outros jeitos de interagir com os meios de comunicação aqui pelo celular, né, então entra na internet e todo mundo fazendo o jogo ao mesmo tempo, e aí faz uma ligação, e essa é a conversa, jogar junto.” (M2)

“[...] ele começou a fazer muita coisa errada, ele queria pertencer a um grupo de amigos, e aí começou levar bastante advertência, né,

ocorrências, né, e esse grupo de amigos ele fez para chamar atenção para querer se inserir. [...] eles ficavam em chamada durante a aula, quando tinha que fazer um exercício e o professor dava tempo, eles faziam o exercício juntos de forma remota” (M3)

“[...] então nesse período que ela tinha esse contato muito grande (um certo grupo de amigos), teve sim uma influência sobre ela, né, até mesmo assim de alguns gostos que ela não tinha e que ela passou a ter, de até mesmo assim de aparência, do mesmo jeito que ela vive mudando o cabelo, aí todo mundo começou a mudar o cabelo.” (M4)

“Depois que ele foi pra escola, isso (o isolamento) melhorou bastante, ele já até começou a se integrar um pouco mais [...]” (M5)

“Na escola eu acredito que ele conversa bastante, porque eu vejo isso pelo celular, ele lá mexendo toda hora [...]” (M9)

“Ele participa do jornal da escola, ele ajuda dando algumas aulas, então, eu acredito que alguma boa influência ele consegue passar dentro da escola.” (M10)

Todos os participantes identificaram traços típicos, singulares, próprios de seu(s) adolescente(s), aspectos que o caracteriza(m) na essencialidade de ser. Estes permanecem, apesar das mudanças da adolescência. Ou seja, há permanência de características identitárias que não são transformadas na adolescência.

“O meu filho ele tem uma característica um tanto peculiar, diria, né, porque ele não gosta muito do que os adolescentes geralmente gostam, que é ficar na internet, né, passear, andar por aí. [...] ele gosta muito do contato com a natureza, ele gosta muito de animais e ele gosta muito de sítio, de fazenda [...] já a menina, ela sempre gostou muito de estudar, sempre gostou muito de ir pra escola [...] ela sempre foi assim, quer que a criança venha para casa dela brincar, mas assim, não pode passar de 2 dias porque depois disso ela tem que ter um momento dela, é o momento dela sozinha, agora eu quero dormir, eu quero assistir, eu quero e eu não quero ver ninguém, né.” (M1)

“A mais velha ela gosta de estudar, então, ela estava lá estudando, dedicada. A mais nova gosta muito de interação com as pessoas, então, fazer as atividades escolares sozinha na pandemia, foi bem difícil (risos).” (M2)

“[...] os nossos filhos, eles são muito diferentes, personalidades totalmente diferentes, enquanto o mais velho gosta de teatro, né, é mais voltado para artes, para culinária, o outro é voltado para o esporte, para futebol, então os gostos, eles são diferentes.” (M3)

“[...] Ela é muito prática, vamos dizer assim, você pergunta se está tudo bem, sim ou não, e aí pra desenvolver, pra você tirar dela o porque não, é com muito custo.” (M4)

“Ele é um menino muito quietinho, muito tímido, tem até um pouco de dificuldade de falar em público, de se expressar um pouco mais [...]” (M5)

“Ela é uma menina muito tranquila. É uma menina obediente, sempre foi muito caseira, mesmo antes da pandemia. É muito estudiosa.” (M6)

“Ele tem uma mente um pouco mais fechada, ele tem as ideias dele e a cabeça dele é bem para frente da idade dele. Eu costumo até dizer que ele é um idoso no corpo de uma criança (risos).” (M10)

4.2 RELAÇÕES FRENTE À PANDEMIA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Diante a instauração do isolamento social como medida para controlar a pandemia da COVID-19, as relações com a escola e os estudos foram transformadas e determinaram modos de existência outro da escola no cotidiano dos adolescentes, as relações com ela e a educação. Exceto para uma família, a percepção foi de redução da motivação, mobilização de interesses e esforços, com ampliação de um comportamento de isolamento.

“Então ela teve que ficar em casa, e esse ficar em casa pra ela, em relação aos estudos, eu vi assim que ela sofreu muito porque, o próprio ambiente de escola foi mudado [...] ela foi se desinteressando, ela era uma menina, assim, muito curiosa, que gostava sim de ter notas boas em todas as disciplinas, relaxou. [...] Acho que essa falta de convivência com os outros tem tornado, acho que principalmente assim a (nome da adolescente) uma pessoa mais fechada.” (M1)

“Em relação ao estudo a gente tem dificuldade porque ela não é esforçada, então quando tirou essa obrigação dela estar lá e uma cobrança do professor em cima dela, ela não achou motivação nenhuma.” (M4)

“Ela se aprofundou muito mais, desde o ano passado, não sei te dizer se por fuga, ela passou a ficar mais tempo estudando.” (M6)

“O problema foi acompanhar a parte escolar, né, porque ele teve um pouco mais de dificuldade.” (M10)

Outra consequência experienciada pelas famílias foi a ampliação do uso de telas, seja de celulares ou computadores. Na opinião dos participantes, o ensino remoto sustentou a intensificação do uso e, ele foi sendo normalizado na dinâmica familiar, de modo a invadir o cotidiano do adolescente, seja para estudar, se divertir ou se relacionar com pares. O uso foi caracterizado pelos participantes como intenso e abusivo, algo que beirava o vício. Porém, intervir sobre ele foi complexo já que integrava uma decisão envolvendo questões distintas: era a forma de manter educação, era a forma de interagir com pares, era a forma de se divertir. Alguns poucos pais interviram com a retirada/proibição do uso do dispositivo em certos horários, mas todos revelaram preocupação com esta massificação do uso de telas, pois incorporou ou intensificou o hábito da tela e reduziu outras modalidades de interações sociais.

“Ela era mais, assim, responsável em relação ao celular, ela pegava o celular, usava de vez em quando e guardava, aí o fato de ficar longe de todo mundo, o celular se tornou aquele problema que é pra toda família [...] eu tenho que tirar o celular dela a noite porque a maioria dos

adolescentes nessa idade tem ficado, né, de madrugada mexendo no celular e ela acabou entrando nessa também” (M1)

“Tinha dia que, ela está no primeiro ano do ensino médio, tinha dia que ela tinha aulas até o fim da tarde, o dia inteiro no computador, o que é muito complexo, também, difícil de dizer que para isto ok, mas para isto não.” (M2)

“Com a pandemia ele ficou muito dependente, até parar tomar banho vai no banheiro com o celular, de ver vídeo, essas coisas. Então, assim, o que me preocupa é esse isolamento gerado com essa intensificação do uso de tela. [...] Eu vejo que a pandemia nesse sentido de preocupação pra nós pais, a questão desse vício, eu poderia dizer até vício mesmo de não conseguir desgrudar da tela.” (M3)

“Agora ela só fica dentro do quarto, né, e o que eu mais percebo assim, ela fica no Tik Tok, nas redes sociais e vendo anime, série. [...] O uso do celular, não sei nem mensurar o tempo que aumentou o uso nesse período, ela fica muito tempo no celular, muito tempo mesmo.” (M4)

“Então, acabou com a rotina, eles começaram a ficar muito tempo no videogame” (M5)

“Eu acho que por estar mais dentro de casa, ela começou a assistir mais séries e filmes, isso sim, porque antes não tinha esse tempo livre, então ela começou a assistir bastante.” (M6)

“Ele fazia as aulas online e continuava no computador, então ele começava às 7h e ficava até às 20h direto no computador, almoçava em frente ao computador, tudo era em torno do computador.” (M9)

“Aumentou bastante. Bastante. Porque quando está na escola, tem a ocupação de estar estudando, e com o isolamento era o tempo todo com o celular e a televisão, isso preocupa muito.” (M10)

A pandemia, pelo tempo de sua duração e pelo fato de impor restrição ao convívio físico com pessoa externas à família, foi sendo compreendida como um evento que ocasionou esgotamento mental e afetou negativamente as relações dos adolescentes. Foi apontado isolamento, tédio, conflitos nas relações com os pais como consequências, quando as famílias se sentiram perdidas em como lidar.

“Até meio triste mesmo, ela assim entediada, de não ter, de não saber o que fazer, uma tristeza de ficar sem saber o que fazer, [...] não estava acostumada a ficar sozinha e nós (pais) não tínhamos ideia do que fazer para mudar” (M2)

“Antes da pandemia eu via a gente mais pacientes enquanto pais e, com a extensão desse distanciamento, a gente foi ficando mais impaciente com eles (adolescentes). [...] Então houve um esgotamento por parte nossa e por parte deles, das nossas relações mesmo.” (M3)

“(Inspiração profunda) Alterou muito no meu ponto de vista, porque tirou uma parte dela, justamente do convívio que ela tinha. Antes da pandemia ela não era tão fechada assim, ela brincava o dia inteiro. [...] E eu percebo que com a pandemia, como ela se isolou bastante também, porque ela se

isolou, infelizmente, até do convívio familiar, houve um afastamento, né, entre a gente, nas relações.” (M4)

“Teve um dia que me chama muito forte a fala dele, quando ele me fala assim: “Se é dia da semana ou final de semana, só muda porque a mãe tá em casa, a gente nem sabe mais que dia da semana é”.” (M5)

Os pais relataram dificuldades para fazer negociações com os adolescentes na direção de incorporarem atividades que, na perspectiva deles eram relevantes para o desenvolvimento e para romper com o marasmo que pareceu estar presente no cotidiano. Apesar desta percepção, a tendência de todos os participantes foi de não buscar o conflito e permitir as atividades ou negativas de atividades efetivadas pelo adolescente. Contudo, não se sentiram confortáveis com esta atitude, gostariam de dar direcionamentos mais incisivos por considerarem relevantes para o desenvolvimento deles.

“A gente está no momento que não dá para tirar muito o que gosta de fazer porque eles não estão nem saindo de casa, então não dá nem para negociar, falar assim ‘ó se você fizer tal coisa, você vai pra casa do amigo’ porque também não está acontecendo. [...] É, eu estou vendo assim que eu não consegui estabelecer alguma coisa que realmente tenha valor para eles neste momento.” (M1)

“Eu e meu marido adoramos fazer caminhada, andar de bicicleta, mas muitas vezes a gente convida os meninos e eles não querem, às vezes para tirar eles um pouquinho a gente precisa brigar porque para eles, não tá afim disso, não quer caminhar, não quer andar de bicicleta.” (M3)

“Então, assim, ela não via, ela mesmo falava que ela não via graça de fazer nada.” (M4)

“[...] e fica muito difícil eu falar pra parar o videogame, vai fazer o que? Não assiste mais série, mas, vai aonde?” (M5)

Apesar de estarem no mesmo ambiente físico, os pais são unânimes em apontar que a convivência familiar reduziu e o isolamento dos adolescentes foi favorecido, significaram que a pandemia deu a chancela para eles se isolarem.

“Mas eu percebo que a pandemia mudou assim, dentro de casa mesmo, antes eles eram mais companheiros meus, eu falava assim “Ah, hoje a gente vai fazer um bolo, vamos fazer um bolo junto?”, agora não, o que eles puderem fugir de fazer comigo, eles fogem.” (M1)

“À medida que foi se estendendo a pandemia eu acho que a gente foi afrouxando essas interações (em família), [...] pelo fato deles não poderem sair, isso (ficar fechado no quarto) intensificou um pouquinho mais o isolar-se da família.” (M3)

“Mais aí liberou que as pessoas se isolassem e é como se tivesse dado um aval pra ela, pra fazer isso.” (M4)

“Eu tenho uma preocupação dela se manter isolada, isso eu tenho sim (pausa longa). De acostumar a ficar isolada, de normalizar isso.” (M6)

“E, também, ele se isolou muito, em todos os aspectos.” (M9)

Outra preocupação apontada pelas famílias foi a limitação das amizades, a diminuição da tolerância com o outro e comportamentos estabelecidos na socialização provida pela internet, na qual a superficialidade das relações é uma característica. Trouxeram o entendimento que o adolescente está tendo dificuldade em perceber a realidade e articularam isso com a falta de convivência com o outro, com as diferenças.

“Eu acho que limitou muito mais o número de amigos, isso que eu falo desse convívio social, eu acho que eles conviviam, gente, com pessoas mais diferentes, mesmo assim dentro da sala de aula que a gente tem muitas diferenças. Mas eu percebo assim, que está um número bem reduzido das amizades e tudo muito superficial. [...] Eu fico pensando como vai ser a tolerância deles em relação ao outro que é diferente, como que ele vai lidar com o outro que de repente fala alguma coisa que ele não gostou, porque eles estão vivendo bem isso ali na internet, se aquela pessoa ali concorda comigo então ela é minha amiga e a gente conversa todo dia, mas se ela discorda, eu bloqueio, simples assim. [...] até mesmo já ouvi assim “Ah, o professor me perguntou tal coisa mas eu ignorei a mensagem dele”, então fingi que eu nem visualizei que é pra eu não dar uma resposta, né, eu acho que talvez isso também vai influenciar nessa responsabilidade deles para a vida futura, né, porque nem sempre a gente vai responder só para quem a gente gosta?” (M1)

“Eles não têm noção do que que é aquela dificuldade do dia a dia, né, que de repente na sala de aula eles poderiam ver, né, o colega que tem mais dificuldades, que não tem acesso à internet. [...] estar junto naquele espaço, naquele ambiente, e aí essas conversas, essas interações não rolaram assim a distância, com esse tipo de amizade assim, dos colegas, né.” (M2)

“E eu vejo, né, que a pandemia fez ele sofrer mais em relação a interação com os pares, e para ele é muito importante, ele quer ser aceito, ele quer pertencer a um grupo de amigos, então acho que a pandemia veio pra dificultar e isso gerou muito sofrimento para ele, sim.” (M3)

“E a questão da intolerância que eu percebo, é porque as pessoas ficaram um pouco mais na internet, e eu acho que é uma terra sem lei, todo mundo fala o que pensa [...] acredito que essa intolerância aumentou sim, com qualquer coisa.” (M4)

“Porque eu acho que vai existir essa dificuldade agora de voltar a fazer parte de um grupo e de entender, de novo, que pra fazer parte a gente tem que aceitar muita coisa.” (M6)

“[...] porque tinha um amigo que estava tão isolado quanto ele, eles combinaram de voltar juntos (às aulas), eles se falavam todos os dias a noite, mas parece que não foi a mesma coisa estar junto pessoalmente.” (M7)

Além de todas as alterações subjetivas das relações e interações sociais, a pandemia também trouxe consequências às famílias, membros dela adoeceram, ficaram desempregados, foram submetidos a condições de trabalho de risco, vivenciaram problemas financeiros. O adolescente compartilhou todas estas situações e, houve o

entendimento da existência de impacto direto acerca da percepção da vida e memórias acerca do vivido, com desdobramentos para tempos futuros.

“Nós tivemos perda de trabalho, um retrocesso financeiro e preocupação financeira, essa instabilidade econômica. [...] eu acho que eles vão guardar essa questão da pandemia como assim, os meus pais tiveram a instabilidade profissional, a instabilidade financeira, ver essa situação que para gente foi difícil, que culmina comigo em junho sendo demitida depois de mais de vinte anos, então eu acho que essa questão familiar, eu acho que eles vão lembrar da pandemia como essa situação” (M3)

“Houve muita mudança (devido ao desemprego) principalmente porque nós viemos morar com ela também, então isso foi uma grande mudança pra ela [...] hoje ela tem crianças em casa, que ela não tinha antes, tem eu, tem o tio dela, que às vezes ela tem que se podar em algumas coisas, né, porque tem mais gente em casa, então isso eu acredito que mudou bastante.” (M4)

“Eles começaram a aula em fevereiro, acho que não dá duas semanas e para. Ele começa com uma queixa de taquicardia, assim, perto de maio mais ou menos, e aí ele já faz acompanhamento com cardiologista por conta da cardiopatia, né, o médico não viu nenhuma alteração de eletro e nem de eco, tudo normal, quando eu começo a perceber outros sinais psíquicos relacionados.” (M5)

“Pensar que nossa mãe trabalhou todo esse tempo no Covidário, então era todo dia aquela insegurança ‘será que amanhã ela vai estar bem?’” (M6)

“Meu marido teve síndrome do pânico no começo da pandemia, então gerou muitos conflitos, porque ele teve uma síndrome do pânico porque ele trabalhava no cartório aqui, ele tinha muito medo de morrer.” (M7)

4.3 ADAPTAÇÕES, REVELAÇÕES E PREOCUPAÇÕES ADVINDAS DO CONVÍVIO

A família teve que lidar com a alteração das rotinas, tanto da família, como de cada membro dela. O isolamento social repercutiu em permanência das pessoas em casa, ensino remoto, trabalho remoto e a coexistência disso tudo no ambiente e dinâmica familiar. Restabelecer um cotidiano típico para os adolescentes e para a família foi percebido como um grande desafio, alcançado por alguns e por outros não. Sentiram-se extraídos de sua rotina e requeridos no estabelecimento de novas dinâmicas.

“Ela passou assim a acordar mais tarde, dormir mais tarde, mesmo tentando colocar uma rotina de estudos, uma rotina para fazer as atividades aqui de casa [...] a gente já ficava juntos, mas agora a gente ficou juntos e (pausa), parece que a gente mesmo com todo esse tempo a gente não conseguiu definir os horários, definir os espaços, uma confusão para lidar com tudo isso.” (M1)

“E isso mudou bastante, né, com a chegada da pandemia. Nós estamos todos em casa, em *home Office* [...] trabalhando em casa, estudando em casa, então teve essa transformação bem intensa na rotina e não é fácil. Não é fácil achar um lugar, um jeito para todos, significa você repensar sua rotina de tempo, de relação com pessoas.”(M2)

“[...] no início da pandemia, a gente não tinha rotina alguma.” (M3)

“No começo da pandemia eu tive que trabalhar mais, então eu fiquei mais ausente em casa e isso fez ela se isolar mais ainda, porque eu não conseguia estar tão próxima.” (M4)

“Acho que ficou uma rotina um pouquinho mais pesada sim.” (M6)

“Eu quero minha vida de volta, tudo virou um caos.” (M7)

“A dificuldade foi com a adaptação de horário, porque por estar em casa, sem aquela preocupação de acordar cedo, aí às vezes dormia um pouquinho mais tarde e ficava com dificuldade de acordar pra acompanhar a aula.” (M10)

As famílias precisaram se adaptar para favorecer a manutenção das atividades de cada pessoa da família. Mudanças na dinâmica familiar, horários e rotinas forma necessárias para que cada indivíduo pudesse ter o seu espaço para realizar suas ocupações profissionais e/ou sociais.

“[...] muda os móveis de lugar para poder ter uma mesa de computador para mais velha, depois tem que achar uma mesa para mais nova, e aí é o dia que a gente trabalha, eu trabalho com música, né, então a hora que eu estava tocando ou gravando alguma coisa para o meu trabalho, para os meus alunos, não dava pra mais nada acontecer, né, então a casa virou um estúdio de gravação, tudo isso a gente foi se adaptando, né.” (M2)

“[...] pela necessidade de cada um assistir aula ao mesmo tempo, de separar eles de quarto, porque a gente tinha um quarto que era escritório. Então a gente deixou um para o mais velho e outro para o mais novo” (M3)

“É, a (nome da adolescente) acabou ficando no quarto dela e eu acabei dividindo o meu espaço com a (nome da irmã), né, porque quando eu estou estudando ou mesmo trabalhando, a gente dividiu o mesmo espaço.” (M6)

“[...] estudar cada um estuda no seu quarto, cada um teve a aula online no seu quarto.” (M8)

“[...] cada um ficava em um espaço da casa e fazia suas aulas online.” (M9)

Destarte, foi assinalado sobrecarga sobre a mulher mãe, dado o fato de ser imputado a ela a responsabilidade do cuidado das crianças e casa associada a sua ocupação profissional. Elas se incomodavam com isto, contudo tentativas de rompimento foram timidamente identificadas nas falas.

“Então, na verdade, assim, fica mais pra mim (mãe) ter que decidir o que que a gente vai fazer, como que eu vou lidar com isso, por que eu trabalho só no período da manhã e à tarde sempre fico com eles. [...] às vezes a gente conversa, né, eu falo ‘me ajuda, chama atenção’ porque ainda acho que aquela voz do pai chamando atenção vai melhorar algum aspecto,

mas, (pausa) não tenho tanta certeza quanto a isso, acho que eles têm mais medo de mim mesmo do que do pai” (M1)

“É uma coisa que eu fico equilibrando os pratos na balança, os pratos de equilibrista dos filhos e do meu marido, e o meu despenca, né, então isso é uma coisa muito complicada pra mim (pausa longa).” (M7)

“Cada um ficou fazendo sua função, Então, cada um tinha seu celular e já fazia suas aulas online [...] e quando eu (mãe) chegava em casa, tinha que tirar as dúvidas e ajudar a terminar as tarefas.” (M9)

Desdobrado do isolamento e convívio em casa imposto pela pandemia, os pais puderam aproximar-se de particularidades e necessidades de cada filho adolescente e simultaneamente refletir sobre a relevância do espaço privativo, do processo da construção identitária. Referiram como oportunidade para se conhecerem, aprenderem a se respeitar mais e se renovarem nas relações.

“Ela já é uma pessoa acho que mais fechada, e aí me preocupa mais essa questão desse isolamento por causa disso, porque eu acho que assim, quando ela ia pra escola, que ela ia pra aula de inglês, era o momento que ela tinha um contato com as outras crianças. [...] Por outro lado, eu tenho tentado dar um pouco mais de espaço para que eles ganhem autonomia, de não ficar invadindo tanto a privacidade deles. [...]eu acho que a pandemia ela piorou essa situação, porque agora a gente tem que conviver.” (M1)

“A gente está se conhecendo mais dentro da sua rotina, né, então minhas filhas sabem um pouco mais do que eu faço de trabalho comigo tendo que fazer em casa, eu estou vendo elas estudarem então eu entendo mais das rotinas delas em casa, então assim, o tempo de cada um é diferente, mas a gente consegue ver melhor o tempo do outro.” (M2)

“Eu sinto que esse estar todos em casa ajudou até mais esses momentos assim, porque a gente tem tempo pra dar atenção pra essas coisas, né, quando a gente passava o dia fora de casa, cada um já estava na sua rotina e chega em casa cansado, né, e quer mesmo se entregar assim na frente de uma televisão, ou ouvir uma música, né, e aí quando chegava em casa que queria o seu canto, agora não, a gente já está aqui no nosso canto o tempo todo, então passamos a ter mais momentos de interagir mesmo” (M3)

“Esse período me ajudou bastante porque eu ver que realmente ela tá amadurecendo, ela tá se sentindo mais responsável pelo todo, pela nossa família e principalmente em relação a irmã.” (M6)

“Eu acho que nós nos tornamos muito mais próximas, hoje eu consigo ver ela melhor.” (M6)

“[...] os pais tiveram mais tempo pra estar observando tudo, eu acho que foi bem mais fácil (identificar as mudanças), porque os pais que tiveram que ficar em casa puderam ver coisas que não conseguiam, né, porque estavam no trabalho.” (M10)

A necessidade de interação dos adolescentes com os pares e a experimentação de contextos externos à família esteve reconhecido como essencial para o

desenvolvimento do adolescente, mas restrito em função da pandemia. No entendimento dos participantes, há reflexos disto, perdas e um amadurecimento ‘coagido’. Ficam em reflexões acerca da consequência destes tempos e buscam uma atitude que minimize os efeitos.

“Eu acho assim, nessa fase que eles estão desenvolvendo, que vão passar para vida adulta, está faltando muito de ver isso, porque ficou muito limitado aqui dentro de casa, então parece que o mundo se tornou a nossa casa, né. [...]Se fosse só adolescência, eu ia dizer, porque ia ter os momentos que eu também ia falar ‘não, para essa festinha você não pode ir’. Mas agora você não pode ir para nenhuma, né, nem para aniversário da sua melhor amiga, daquela que você considera tanto.” (M1)

“Eu tenho uma preocupação, assim, em relação ao JP, que ele leve, né, como sendo uma fase que ele perdeu um ano, um período, né, dessa vida de adolescente por conta de não ter a interação com os pares, então eu acho que isso vai ficar em aberto.” (M3)

“Então as meninas virarem adolescente acho que, ah, traz uma serenidade para algumas questões práticas do dia a dia, mas também traz outras preocupações, né, de formação, enfim, de perceber surgindo uma identidade forte ali, né, de busca delas dessa personalidade, tanto de roupa, quanto de jeito de falar, né, de se relacionar, né, a gente vai vendo ficando mais evidente assim a personalidade, né, nós vamos buscando essa coisa do espaço” (M2)

“[...] eu deixei ela sair pra ver os amigos, pra pegar o caminho, aprender a andar sozinha pra ir pro condomínio [...] só dela ter essa convivência, sair um pouco, respirar outro ar, ela tem coisas pra contar, ela tem novidades pra falar.” (M4)

“O que eu penso é que são jovens mais conscientes, mais preparados até pra enfrentar esse mundo.” (M6)

“Porque agora é a época que começa a aprender coisas diferentes, coisas da idade, né, da adolescência, os namoros (risos) e a pandemia restringiram isso, essa parte social necessária a adolescência.” (M10)

A preocupação com a não contaminação pelo vírus sobressaiu e foi colocada em relação com a preocupação dos desdobramentos relativos ao isolamento social. A intersecção adolescência e isolamento gerou considerações para a saúde mental, consequências psicológicas que as restrições e proibições podem ocasionar a longo prazo.

“Para mim, assim, o que é primordial nesse momento é ver todo mundo com saúde. Mesmo que eles tenham perdido essa vida social, mesmo que muitas vezes a gente tenha que dizer não, que eles fiquem chateados, né, mas para mim a questão de saúde está sendo primordial.” (M1)

“Me preocupa muito essa questão, assim, de como essa geração aí que estaria se formando nos encontros de um com o outro, né, crescendo, da convivência, porque é isso, né, fico pensando na minha adolescência, nessa fase aí eu estava querendo ver gente, encontrar com gente, ficar

cada vez mais com os meus amigos, ficar cada vez mais fora de casa, né. E aí agora estamos todo mundo dentro de casa, então me preocupa também como que isso vai ser lá na frente” (M2)

Houve expectativas de aprendizados gerados pela pandemia, quando o valor da solidariedade esteve ressaltado.

“Eu espero que a grande maioria desses adolescentes leve isso, né, que a qualquer momento a gente pode precisar do outro, mesmo sem conhecer. Eu acho que é uma lição que todos eles vão levar.” (M6)

“Então, que seja um homem de princípios, um homem de bem, com caráter, que faça o bem, que respeite as pessoas, isso é o meu sonho pra ele [...]” (M8)

Grande parte dos participantes, apesar de reconhecerem os atravessamentos da pandemia e suas consequências, vislumbravam para os filhos resgate dos estudos e projeções profissionais.

“A gente tem expectativa de que ele pense em sair um pouco desse mundo de jogo, focar nos estudos, pensar em alguma coisa [...] eu tenho expectativa que ele fique mais feliz, comece a pensar um pouquinho mais profissionalmente no futuro.” (M7)

“Minha expectativa é que ele se dedique mais na escola para poder mais pra frente ter a recompensa dele, e que ele consiga conservar as amizades dele, que conquiste mais amizades ainda, que possa ajudar as crianças na escola que precisa de um apoio. Minha expectativa é isso, que ele possa se aproximar, ajudar as pessoas. E se dedicar à escola” (M10)

5 DISCUSSÃO

Este trabalho elucidou significados e comportamentos de pais no suporte ao adolecer na pandemia da COVID-19. Dez famílias foram acessadas a partir da voz de mulheres mães, apesar do convite ter sido feito aos pais, ou seja, era extensivo ao pai. Por vezes foi possível identificar a presença do pai na casa, mas esse não se envolveu com a entrevista. Este dado provoca reflexões acerca do subsistema parental (pai-mãe) e sua função de cuidado e socialização dos filhos, assim como evidencia permanências da influência do patriarcalismo na sociedade, nas interações sociais locais e ampliadas.

Percebe-se a permanência do significado de ser dever da mulher cuidar dos filhos, de estar incumbido a ela, em maior instância, as responsabilidades relativas ao cuidado da prole. Pode-se deduzir um certo desinteresse paterno em se envolver com as rotinas da casa e cuidado do adolescente, obstaculizando a coparentalidade (BENITES et al., 2021). Identifica-se um movimento de transformação da inserção e participação do pai na família, uma tendência de revisitação da organização dos papéis na dinâmica familiar (OLIVEIRA et al., 2022; MAIAI et al., 2019), porém, o espaço doméstico e o cuidado da criança/adolescente seguem atrelados às mulheres. Estudo brasileiro com adolescentes de 11 a 17 anos e seus pais voltado às práticas parentais, indicou, na voz dos filhos, estarem as mães mais presentes junto a eles e com esforços para exercer seu papel (MAIAI et al., 2019).

Destarte, os discursos biomédicos nas práticas de cuidado em saúde reproduzem a normalização da mãe como a cuidadora e responsável por crianças e adolescentes, bem como naturalizam a ausência paterna neste contexto (RIVERA e SCARCELLI, 2021) e/ou reforçam um lugar de coadjuvante (OLIVEIRA et al., 2022). Isso é de certo modo extensivo aos pesquisadores, uma vez ser prevalente a produção de evidências relativas a parentalidade e cuidado de crianças e adolescentes na voz materna. A produção de pesquisas na voz do homem, sobretudo nas questões relativas aos filhos, é escassa e prevalece em situações de prematuridade e adoecimento crônico na infância. E, as pesquisas que visam membros da família também apresentam uma prevalência de participantes mulheres.

É premente explorar e discutir o lugar simbólico e prático da paternidade com vistas a transformações da reverberação do patriarcalismo e caminhar na direção da corresponsabilização materna e paterna no cuidado de crianças e adolescentes (OLIVEIRA et al., 2022). Além disto, cabem intervenções que coloquem essa pauta em discussão, sobretudo em locais estratégicos, como escolas e instituições formadoras de profissionais da educação e saúde. O como os pais se organizam para o cuidado dos

filhos precisa tornar-se um processo compartilhado, estabelecido mutuamente e, não imposto “silenciosamente” por valores culturais machistas.

O atendimento das necessidades do adolescente perpassa o suporte recebido por ambos os pais (SIMÕES et al., 2022), com premência de maior envolvimento do homem. Estudo realizado na Noruega associa o apoio do pai à segurança e melhora da autoestima sendo importante para seu desenvolvimento (JOHSEN, LITLAND e HALLSTRÖN, 2018). Assim, aos profissionais de saúde está o desafio de reconhecer, convidar e incluir o homem no cuidado de crianças e adolescentes, dar suporte ao exercício de uma paternidade ativa e implicada com o desenvolvimento de seus filhos.

As ações que dão suporte à existência humana compõem o cuidado, são experienciadas na convivência social, inclusive junto ao pai. As recomendações são de apostas no fortalecimento de vínculos familiares e inserção do pai desde o planejamento reprodutivo e pré-natal, com vistas ao estabelecimento de laços afetivo e consequente desejo de participação e presença ativa e envolvida na vida da criança (OLIVEIRA et al., 2022) e adolescente. Esta pauta pode ser retomada, provocada, mediada nas conversas em família que envolvem práticas parentais junto a adolescentes e crianças.

As práticas parentais são influenciadoras do desenvolvimento, envolvem a mediação para comportamentos no contexto social de inserção. Pais atuam como balizadores dos comportamentos dos filhos com vistas a tarefas e comportamentos. Ela é exercida na relação com o filho e envolve características da criança/adolescente e do pai/mãe/cuidador, assim como os aspectos socioculturais da relação (BENITES et al., 2021). Os resultados deste estudo denotaram que os pais tiveram dificuldade em tecer relações com vistas a pautar preocupações quanto a comportamentos de seus filhos, sob o significado que a pandemia e a adolescência são eventos que imputam mudanças. Além disso, o estabelecimento de regras e limites pareceu difícil de ser efetivado, posto em conversação. Famílias requerem pactuação de regras e limites entre seus membros, de modo que intervenções voltadas ao estilo parental estão apontadas como benéficas na promoção da saúde familiar e do desenvolvimento de crianças e adolescentes (BENITES et al., 2021). Dialogar sobre como os limites são pensados e operacionalizados em família é pauta ao profissional da educação e saúde no suporte à parentalidade, relações em família e adolescências. Estudos neste tema são prevalentes na infância, com recomendação de ampliar investimentos no contexto da adolescência.

As relações em família são um espaço socializador e a pandemia imputou pronta reorganização delas, em especial frente ao fechamento das escolas, num primeiro movimento suspensão das aulas e posteriormente retomada delas na modalidade remota.

A ida a escola e as relações ali estabelecidas constituem relevante ocupação de adolescentes, com desdobramentos aos vínculos sociais, saúde e vida, com contribuição à saúde mental. A saúde mental de adolescentes e jovens foi em muito afetada na pandemia (PANDA et al., 2021), com possibilidades de ocorrência de sintomas depressivos e de ansiedade (JONES et al., 2021) e, diante de fragilidades de suporte em família, isto ganha chances de ser potencializado.

Este estudo revelou que a família entende o adolescente como uma pessoa em transformação, fruto de questões hormonais e de projeções para o futuro, com um comportamento mais indeciso, intolerante e introspectivo. Este entendimento pode determinar uma “normalização” de comportamentos relativos à exacerbação de sofrimentos, ou seja, pode ocasionar a não valorização de manifestações comportamentais que denunciam sofrimentos e necessidade de suporte diferenciado. Isso pode conduzir a não oferta de suporte familiar em tempo oportuno, aspecto potencializado quando há entendimento de que o afastamento do adolescente das interações familiares é comum, significado apresentado nos resultados deste estudo.

Apesar da pandemia ter favorecido um maior convívio entre os membros da família, este não foi suficiente para alterar a percepção dos pais ou responsáveis sobre a adolescência ser apenas uma fase. Essa normalidade traz dificuldades aos pais em dar apoio ao adolescente pois a família entende que as ações e reações são passageiras e não dão a devida importância para os sentimentos e alterações de comportamentos apresentados pelos filhos.

Cabe mencionar que os relacionamentos familiares englobam convívio de proximidade (favorecedor da união familiar) e de individualidade (promotor a individuação). O equilíbrio entre eles promove a diferenciação das necessidades e sentimentos individuais frente aos daqueles com quem se convive. Nesta direção, os aspectos emocionais e o clima familiar regulam interações dos membros da família entre si e, o acolhimento de sentimentos em família favorece o desenvolvimento de autoestima. (PINHEIRO-CAROZZO et al., 2020)

As conversações em família atuam como transmissoras da cultura familiar e são organizadoras da vida em família, do pertencimento a ela (PINHEIRO-CAROZZO et al., 2020). Portanto, sua escassez impacta nos arranjos e dinâmica familiar. Os resultados sugeriram pouca conversação em família, apesar de existirem observações e preocupações familiares envolvendo o adolescente.

Devido a alteração na rotina observou-se que o funcionamento familiar demandou maior esforço por parte dos pais, principalmente em famílias com crianças e adolescentes

(MARQUES et al., 2020), com aumento do estresse nas famílias e ameaça ao bem-estar familiar e de crianças e adolescentes (PRIME, WADE e BROWNE, 2020). A mudança repentina ocasionou uma dificuldade de adaptação que contribuiu com o adoecimento psíquico (SILVA et al., 2020).

Outro evento destacado pelas famílias foi a indisponibilidade de tempo para dar suporte às atividades escolares. Cabe mencionar que as escolas desenvolveram iniciativas insuficientes para auxiliar os pais ao longo do período de distanciamento social.

A escola é um importante espaço de aprendizagem para os adolescentes, contribui com a formação e desenvolvimento do autoconceito por oportunizar vivências sociais e ser desafiado na leitura, interpretação e ação no meio social e, simultaneamente manejar as respostas sociais recebidas (SACILOTTO et al., 2021). As relações com os outros no âmbito social, escolar e familiar integra e influi o processo de estabelecimento da identidade e autoconceito (SACILOTTO et al., 2021). A composição entre famílias e escolas é de relevância no suporte às adolescências e esteve lacunar pelos resultados revelados neste estudo.

É de conhecimento ser a família um importante núcleo mediador do contato que o ser humano tem com o mundo exterior, com função de suporte à formação dos seus membros no nível biopsicossocial, promovendo estabilidade emocional e auxiliando no desenvolvimento cognitivo (OSORIO, 2002; ESTEVES et al., 2020). Porém, quando discutimos sobre adolescências devemos entender a importância do convívio com os pares na formação do indivíduo e que a falta desse convívio pode trazer insuficiências de acolhimento de necessidades. O contato com os pares contribui para a formação de valores como a confiança e desenvolvimento emocional. Esses pares constituem território relacional onde adolescentes refletem acerca de sua identidade e projetos. Estudo evidenciou que crianças e adolescentes que atribuem maior valor à qualidade das amizades apresentam maiores habilidades de relações interpessoais (EVANS e HURREL, 2016).

As mudanças inerentes à adolescência desencadeiam uma intensidade de emoções, no processo de ir vivendo a adolescência, a criança dá lugar a um jovem adulto, com necessidade de exercer autonomia, fazer escolhas que refletirão ao longo de sua vida. Essas mudanças causam uma certa instabilidade nas relações gerando um sentimento de impotência e dificuldade para lidar com todas as transformações (OMETTO et al., 2022). O distanciamento social, as aulas remotas e os trabalhos em regime *home office* geraram, de modo coletivo, um sentimento de solidão e desamparo, além de proporcionar uma incerteza sobre a resolução da pandemia (ORNELL et al., 2020).

Também foi evidenciado neste estudo que durante o período de isolamento social houve um aumento significativo no tempo em frente às telas, o que pode ter favorecido para a diminuição da tolerância com o outro e conseqüentemente o surgimento de relações líquidas, estas estão diretamente associadas à problemas de saúde mental, o que corrobora com um estudo sobre a comunicação mediada por telas que encontrou que adolescentes que fazem uso dessa tecnologia diariamente apresentam sensação de vazio, ansiedade e depressão (FAVOTTO et al., 2019). Dispositivos eletrônicos e a exposição prolongada a telas caracterizou o cotidiano de muitos adolescentes e famílias na pandemia, apesar de reflexões acerca do impacto deste hábito às relações sociais, sono e saúde biopsíquica (MENDONÇA et al., 2021). Destarte, as telas e internet, redes sociais foram recursos para lidar com o vazio deixado pelo isolamento social, favorecendo a sensação de não estarem sós (SANTOS, 2021). As mídias sociais mantiveram convívio social e favoreceram a continuidade de atividades educativas por via remota, mas expuseram os adolescentes ao uso intenso e suas repercussões, a exemplo de distúrbios do sono, sintomas de ansiedade, intensificação da comparação social com chances de vivenciar sofrimentos (SANTOS, 2021).

A exposição e uso maior de telas por parte dos filhos esteve sinalizado entre nossos participantes, esteve entendido como problemático, com inabilidade dos pais para intervirem sobre ele, justificado pelo entendimento de ser a ocupação existente ao filho frente o contexto pandêmico. Para contrapor, os pais poderiam buscar diálogo aberto e ofertas de atividades substitutivas (SANTOS, 2021). Estratégias parentais para monitorar e supervisionar o uso de telas faz contraponto aos efeitos danosos de um uso descontrolado, quando agressividade, dificuldade nas relações interpessoais e dificuldades com o sono estão destacadas (SCHWARTZ et al., 2021).

A prestação de cuidados antecipadores demandas típicas a um contexto podem instrumentalizar e empoderar a família, prepara ela para eventos futuros, ampliando ferramentas e recursos para tomadas de decisões e comportamentos. O diálogo com famílias acerca do adolescente e adolescências está insuficiente ou mesmo ausente na realidade brasileira e expõe famílias a manejarem demandas de forma solitária. A Enfermagem familiar é uma especialidade na enfermagem que oferece ao profissional conhecimentos e recursos para este cuidado. A dificuldade em dialogar com adolescentes é um desafio recorrente em famílias, quando novas representações precisam ser mútuas e colaborativamente estabelecidas, tanto no entendimento de adolescente quanto de papel parental.

Diante das colocações acima, assinala-se a pertinência de adoção do conceito de resiliência familiar proposto por Walsh (1996), que se volta a compreender o sistema familiar como unidade funcional, com atenção a como situações adversas e os sistemas protetivos familiares são postos em interrelação diante eventos com potencial de instabilizar a família, como é a adolescência e as pandemias.

Os resultados advindos do esforço de elucidar as repercussões à família da adolescência e pandemia permitiu apresentação de temas e núcleos para delinear intervenções de apoio à família, sobretudo no escopo da parentalidade. Apesar das limitações deste estudo que acessou famílias com poder aquisitivo maior, a não abrangência de todas as faixas etárias da adolescência e o numérico de participantes, ele acrescenta e contribui com o conhecimento disponível acerca de famílias, adolescentes e pandemias pois, poucos foram os estudos com este enfoque. Por este motivo é de suma importância que sejam realizados mais estudos sobre o funcionamento familiar no contexto da adolescência, a perspectiva do pai no adolescer dos filhos, consideração e cuidado profissional junto a famílias de adolescentes, assim como estudos que acessem famílias inseridas em classes sociais mais baixas e/ou que abordem outras faixas etárias.

Destarte, é urgente seguir a debater a invisibilidade dos adolescentes na atenção em saúde e a relevância das vivências em família e, portanto, da essencialidade em se considerar e assumi-la como demandante do cuidado em saúde. O sistema familiar é unidade de estudo e intervenção em saúde e enfermagem, com desdobramentos a saúde e vida individual, familiar e comunitária e, na adolescência tem sua relevância, carecendo ser amplamente considerada.

6 CONCLUSÃO

O objetivo desse estudo foi elucidar significados e comportamentos de pais no suporte ao adolecer na pandemia da COVID-19. Desse modo, podemos, nesta pesquisa, discutir a invisibilidade dos adolescentes na atenção em saúde e a essencialidade das vivências em família.

Os achados nesse estudo permitiram discutir a relevância em tornar o cuidado dos filhos um processo compartilhado entre os pais, evidenciando a importância do maior envolvimento do pai para garantir segurança e melhora na autoestima dos filhos durante o desenvolvimento. Ter alcançado apenas as mães é um limite deste estudo, com recomendações para novos estudos com a voz do homem pai. Dessa forma, cabe aos profissionais de saúde o desafio de reconhecer e incluir o homem no cuidado de crianças e adolescentes, dando suporte à uma paternidade ativa.

O cenário de isolamento social trouxe diversas mudanças que resultaram em sentimentos de insegurança e impotência, afetando a saúde mental da população. É de comum saber que é papel da família pactuar regras e limites como benefícios para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, porém, esse papel foi dificultado pelas limitações vivenciadas pela pandemia.

O distanciamento social impôs o regime remoto em escolas. Estas são importantes espaços de aprendizado que contribui com a formação e o desenvolvimento pois possibilita as relações sociais com propósito diferente ao proporcionado pelas relações em família. É de conhecimento a família ser um importante núcleo com função de suporte à formação dos seus membros no nível biopsicossocial, porém, a convivência com os pares traz benefícios para a formação do indivíduo e a falta desse convívio pode trazer insuficiências de acolhimento.

Além disso, evidenciou-se uma maior exposição ao uso de telas entendido como problemático pelos pais com inabilidade de intervenção pelo entendimento de ser a única ocupação existente ao filho frente ao contexto pandêmico.

Este estudo proporcionou um espaço de discussão em família que possibilitou reflexões sobre temas nem sempre abordados no convívio familiar e que podem trazer consequências positivas para a criação e o convívio com adolescentes.

Acreditamos que essa pesquisa pode contribuir com o aprofundamento do conhecimento disponível acerca de famílias, adolescentes e pandemia, a fim de subsidiar os profissionais de saúde no cuidado e acompanhamento de famílias e adolescentes pois traz importantes discussões sobre o convívio familiar durante o processo de isolamento social e favorece a construção do conhecimento para dar suporte a esses indivíduos que,

por muitas vezes, não são assistidos com qualidade por falta de entendimento e conhecimento por parte dos profissionais.

REFERÊNCIAS

- ABAR, C.C.; KOBAN, K.; FARNETT, S.; MENDOLA, K.; CLARK, G. Profiles of family routines during adolescence associated with profiles of health behaviors in young adulthood. **Journal of Health Psychology**. 2020; 25(5) 629–639. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1359105317726149>>.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. SP: Edições 70, 2011.
- BENITES, M.R.; et al. Orientação a Práticas Parentais: Descrição de um Programa de Intervenção Individual Breve. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2021, v. 41, n. spe3, e192813. Epub 13 Set 2021. ISSN 1982-3703. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003192813>>. Acesso em: 21 out. 2022.
- BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 05 mai. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde (BR). **Proteger e Cuidar de Adolescentes na Atenção Básica** [Internet]. Brasília, DF(BR): Editora do Ministério da Saúde; 2017. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2021.
- CHARON, JM. **Symbolic interactionism**: as introduction, an interpretation, an integration. 10th ed. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 2010.
- DESSEN, M.A. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. **Psicologia: ciência e profissão**. 2010; 30(n.esp):202-19.
- DOI, S.; ISUMI, A. ; FUJIWARA, T. The Association between Parental Involvement Behavior and Self-Esteem among Adolescents Living in Poverty: Results from the K-CHILD Study. **Int J Environ Res Public Health**. 2020;17(17):6277. doi: 10.3390/ijerph17176277.
- DOURADO, J.V.L.; ARAÚJO, P.A.; AGUIAR, F.A.R. Adolescent's labor, delivery and post-partum care. **J Nurs UFPE on line**. 2019; 13:242387. DOI: 10.5205/1981-8963.2019.242387
- DUARTE, M.Q.; *et al.* COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2020, v. 25, n. 9 [Acessado 16 Outubro 2022] , pp. 3401-3411. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.16472020>>. Epub 28 ago. 2020. ISSN 1678-4561.
- EVANS, R.; HURRELL, C. The role of schools in children and young people's self-harm and suicide: systematic review and meta-ethnography of qualitative research. **BMC Public Health**. 2016;16:401. doi: <https://doi.org/10.1186/s12889-016-3065-2>.
- FAVOTTO, L.; MICHAELSON, V.; PICKETT, W.; DAVISON, C. The role of family and computermediated communication in adolescent loneliness. **PLoS One**. 2019;14(6):e0214617. doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0214617>

GONÇALVES, A.M.; PEREIRA, M.G. Variáveis familiares e toxicodependência. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, n 2, p. 228-251, 2011.

IMRAN, N.; ZESHAN, M.; PERVAIZ, Z. Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 pandemic. **Pak J Med Sci**. 2020; 36(COVID19-S4):S67-72.

JOHNSEN, I.O.; LITLAND, A.S.; HALLSTRÖM, I.K. Living in two worlds – children’s experiences after their parents’ divorce – a qualitative study. **J Pediatr Nurs**. 2018;43:e44-e51. doi: <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2018.09.003>.

JOHNSEN, I.O.; LITLAND, A.S.; HALLSTRÖM, I.K. Living in two worlds – children’s experiences after their parents’ divorce – a qualitative study. **J Pediatr Nurs**. 2018;43:e44-e51. doi: <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2018.09.003>.

JONES, E.A.K.; MITRA, A.K.; BHUIYAN, A.R. Impact of COVID-19 on Mental Health in Adolescents: A Systematic Review. **Int J Environ Res Public Health** 2021; 18(5):2470. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph18052470>

LIANG, L.; REN, H.; CAO, R.; HU, Y.; QIN, Z.; LI, C.; *et al.* The effect of COVID-19 on youth mental health. **Psychiatr Q** [Internet] 2020; [cited 2020 Sep 1]. [Epub ahead of print]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s11126-020-09744-3>>.

LIU, J.J.; BAO, Y.; HUANG, X.; SHI, J.; LU, L. Mental health considerations for children quarantined because of COVID-19. **Lancet Child Adolesc Health**. 2020 Mar 27;4(5):347-9. doi: 10.1016/S2352-4642(20)30096-1.

LIVESEY, C.M.W.; ROSTAIN, A.L. Involving Parents/Family in Treatment during the Transition from Late Adolescence to Young Adulthood: Rationale, Strategies, Ethics, and Legal Issues. **Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America**. 2017; 26(2): 199-216. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.chc.2016.12.006>>.

MAIAI, F.A.; SOARES, A.B. Diferenças nas práticas parentais de pais e mães e a percepção dos filhos adolescentes. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 59-82, abr. 2019 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 out. 2022.

MARQUES, E.S.; MORAES, C.L.; HASSELMANN, M.H.; DESLANDES, S.F.; REICHENHEIM, M.E. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cad Saude Publica** 2020; 36(4):1-6.

MENDONÇA, R.G.; VASCONCELOS, G.M.T.; SANTOS, A.D.; TANAJURA, D.M.; MENEZES, A.F. Effectiveness of interventions in reducing screen time: A Systematic review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 9, p. e22410918023, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i9.18023. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18023>>. Acesso em: 19 out. 2022.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14° ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OLIVEIRA, M.A.; CRUZ, M.A.; ESTRELA, F.M.; SILVA, A.F.; MAGALHÃES, J.R.; GOMES, N.P.; et al. Papel paterno nas relações familiares: revisão integrativa. **Acta Paul Enferm.** 2022;35:eAPE0306345

OLIVEIRA, W.A.; SILVA, J.L.; ANDRADE, A.L.M.; MICHELI, D.; CARLOS, D.M.; SILVA, M.A.I. A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. **Cad. Saúde Pública.** 2020; 36(8). Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00150020>>.

OLIVEIRA, W.A.; SILVA, J.L.; ANDRADE, A.L.M.; MICHELI, D.D.; CARLOS, D.M.; SILVA, M.A.I. A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. **Cad. Saúde Pública** [Internet]. 2020 [cited 2022 Out 03]; 36(8): e00150020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000802001&lng=en>. Epub 28 ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00150020>.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Saúde nas Américas.** Publicação sobre saúde e sexualidade de adolescentes. 2017. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5482:op-as-oms-e-ministerio-da-saude-lancampublicacao-sobre-saude-e-sexualidade-de-adolescentes&Itemid=820>. Acesso em: 05 mai. 2021.

ORNELL, F.; et al. "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal of Psychiatry** [online]. 2020, v. 42, n. 3 [Accessed 16 October 2022], pp. 232-235. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>>. Epub 03 abr. 2020. ISSN 1809-452X.

PALACIO-ORTIZ, J.D.; LONDONO-HERRERA, J.P.; NANCLARES-MÁRQUEZ, A.; ROBLEDO-RENGIFO, P.; QUINTERO-CADAVID, C.P. Psychiatric disorders in children and adolescents during the COVID-19 pandemic. **Rev Colomb Psiquiatr.** 2020;49(4):279-288. doi: 10.1016/j.rcp.2020.05.006.

PANDA, P.K.; GUPTA, J.; CHOWDHURY, S.R.; KUMAR, R.; MEENA, A.K.; MADAAN, P.; SHARAWAT, I.K.; GULATI, S. Psychological and Behavioral Impact of Lockdown and Quarantine Measures for COVID-19 Pandemic on Children, Adolescents and Caregivers: A Systematic Review and Meta-Analysis. **J Trop Pediatr** 2021; 67(1): fmaa122. DOI: <https://doi.org/10.1093/tropej/fmaa122>

PINHEIRO-CAROZZO, N.P.; et al. Intervenções familiares para prevenir comportamentos de risco na adolescência: possibilidades a partir da Teoria Familiar Sistêmica. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 207-223, jun. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 out. 2022.

POLANCZYK, G. V.; SALUM, G.A.; ROHDE, L.A. Crianças e adolescentes na pandemia. In: **Guia de saúde mental pós pandemia no Brasil.**

POLANCZYK, G.V.; SALUM, G.A.; ROHDE, L.A. Crianças e adolescentes na pandemia In: **Guia de saúde mental pós pandemia no Brasil.** 2020.

PRIME, H.; WADE, M.; BROWNE, D.T. Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. **Am Psychol** 2020; 75(5):631-643.

RIVERA, M.F.A.; SCARCELLI, I.R. Contribuições feministas e questões de gênero nas práticas de saúde da atenção básica do SUS. **Saúde em Debate** [online]. 2021, v. 45, n. spe1, pp. 39-50. Epub 22 Nov 2021. ISSN 2358-2898. <https://doi.org/10.1590/0103-11042021E103>. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-11042021E103>>. Acesso em: 17 out. 2022.

SACILOTTO, A.L.; ABAID, J.L.W. Autoconceito em adolescentes e suas relações com desempenho escolar e práticas parentais. **Barbarói**, (58), 30-46. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i58.4320>. 2021.

SANTI, D.B.; ROSSA, R.; BOMFIM, L.S.S.; DIAS, A.R.; HIGARASHI, I.H.; BALDISSERA, V.D.A. Adolescent health in the Covid-19 pandemic: a construction through Nola Pender's model. **Rev Bras Enferm**. 2022;75(6):e20210696. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0696pt>>.

SANTOS, C. Covid-19 e saúde mental dos adolescentes: vulnerabilidades associadas ao uso de internet e mídias sociais. **Holos—III Dossiê COVID-19 e o mundo em tempos de pandemia**. 37(3), 1-14. 2021.

SARTI, C. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**. 2004;15(3):11-28.

SCHWARTZ, F.T.; PACHECO, J.T.B. Mediação Parental na Exposição às Redes Sociais e a Internet de Crianças e Adolescentes. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, vol. 21, núm. 1, 2021, Janeiro-Abril, pp. 217-235 Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2021.59383>

SILVA, A.H.; FOSSÁ, M.I.T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualit@s Revista Eletrônica**. 2015; 17(1): 1-14.

SILVA, A.L.R.; NAKAGAWA, J.T.T.; SILVA, M.J.P. Composição familiar e gravidez na adolescência. **Rev enferm UERJ**. 2020; 28:e36283 DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2020.36283>

SILVA, C.L. Revista Educação por Escrito – PUCRS. 2012; 3(2): 73-84.

SILVA, R.R.; SILVA FILHO, J.A.; OLIVEIRA, J.L.; MENESES, J.C.B.C.; OLIVEIRA, C.A.N.; PINTO, A.G.A. Efeitos do isolamento social na pandemia da covid-19 na saúde mental da população. **Avances en Enfermería**, [S. l.], v. 39, n. 1supl, p. 31–43, 2021. DOI: 10.15446/av.enferm.v39n1supl.89262. Disponível em: <<https://revistas.unal.edu.co/index.php/avenferm/article/view/89262>>. Acesso em: 16 out. 2022.

SIMÕES, E.V.; OLIVEIRA, A.M.N.; PINHO, L.B.; OLIVEIRA, S.M.; LOURENÇÃO, L.G.; FARIAS, F.L.R. Relações de rede de apoio social do adolescente com comportamento suicida. **Rev Gaúcha Enferm**. 2022;43:e20210033. doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2022.20210033>

SMITH, S.L.; DEGRACE, B.; CIRO, C.; BAX, A. HAMBRICK, A. et al. Exploring families' experiences of health: contributions to a model of family health, **Psychology, Health & Medicine**. 2017; 22:10, 1239-1247, DOI: 10.1080/13548506.2017.1319069

SSM - **Population Health** 14 (2021) 100807

WINNICOTT, D.W. Adolescência: transpondo a zona das calmarias. In: **Winnicott DW**. A família e o desenvolvimento individual. 4a ed. São Paulo, SP(BR): WMF Martins Fontes; 2011. p. 115-28.

WISNIEWSKI, M. Jeito de ser adolescente: desafios e impactos na (in) compreensão dos jovens pelos adultos. **Journal of Health**. 2019; 21(1). Disponível em: <<http://www.cesage.com.br/revistas/index.php/JournalofHealth/issue/view/56/showToc>>.